

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO  
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL  
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE  
**FRANCISCO RICARDO RIBEIRO**

Registada em 20/10/2009 por  
CLÁUDIA SIMÕES E JOANA RIBEIRO

# FICHA TÉCNICA

**Editor:**

TRENMO Engenharia S.A.  
Sítios e Memórias

**Fotografia:**

Armando Afonso

**Coordenação:**

Jenny Campos  
Liliana Monteiro

**Revisão:**

Jenny Campos  
Liliana Monteiro

**Editores:**

Ana Cruz  
Cláudia Simões  
Jenny Campos  
Joana Ribeiro  
Liliana Monteiro  
Marlene Andrade  
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Migração: *"Vim para o Porto pelo negócio"*
- 05 Quotidiano: *"O dia-a-dia do comerciante é melhorar a loja para vender mais"*
- 06 Lugar: O Porto tem um potencial para o turismo elevadíssimo
- 07 Rua: A Rua Mouzinho  
As lojas não estão vocacionadas para o que a rua se tornou  
*"À noite a Rua Mouzinho da Silveira é o deserto"*
- 12 Loja: Prometeu Artesanato  
*"Prometeu é um deus grego"*  
O verão e a Páscoa são épocas fortes  
Fazer uma loja virtual
- 15 Clientes: *"Tenho como clientes turistas de todas as nacionalidades"*
- 15 Produtos: Produtos portugueses artesanais
- 16 Avaliação: Pode ser bom

**FRANCISCO RICARDO FREITAS RIBEIRO**



Francisco Ribeiro (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

## Mini Biografia

Francisco Ricardo Freitas Ribeiro nasceu em Guimarães a 13 de Novembro 1964.

Foi o amor pelo artesanato e história que o trouxe até ao Porto. *“É uma cidade com história, uma por cima da outra, que é interessantíssimo para pessoas com um certo nível cultural. Entrar aí por uma viela e ver uma janela dum estilo, e a seguir uma casa doutro, e depois um palacete doutra época, está tudo embrenhado em história.”*

É o responsável máximo da Prometeu Artesanato, uma loja que só vende *“produtos portugueses, tradicionais ou modernos, e artesanais, feitos à mão.”*

## Migração

### ***“Vim para o Porto pelo negócio”***

Vim para o Porto pelo negócio. Tenho outra loja em Guimarães. Vim há pouco tempo, ano e meio, só estou cá desde Julho de 2008.

## Quotidiano

### ***“O dia-a-dia do comerciante é melhorar a loja para vender mais”***

O meu dia-a-dia...venho de Guimarães todos os dias, saio de lá para aí às oito menos cinco, oito horas. Chego aqui às nove e pouco, abro as lojas e vou tomar o pequeno-almoço. Digo logo mais ou menos o que é que quero que as empregadas façam:

- "Pronto, hoje vamos limpar isto, pôr isto..."

E depois agora nesta época não faço nada. Ando aqui dum lado para o outro, dou umas voltas. Ando a ver isto agora ao pormenor, porque tem coisas espectaculares que passam mesmo despercebidas. Almoço sempre por aqui perto.

Eu falo com toda a gente. Como estou aqui há pouco tempo, estou a conhecer. Todos os dias conheço pessoas. Principalmente, os velhotes que são os que têm mais tempo para nos elucidar e para nos mostrar. Porque isto aqui é quase um sítio a desvendar. Ainda no outro dia, numa viela aí, encontrei uma casa que acho que é do século IX. Tem uma tabuleta a dizer Casa de não sei quê, não tem uma indicação para ir para lá. Por acaso linda mesmo.

A loja está aberta das 9h até às 19h. Essencialmente o que eu faço é atender os clientes quando são pessoas que querem mais alguma coisa do que comprar só, querem conversar um bocado sobre artesanato, ou que, às vezes, precisam duma explicação, ou duma ajuda para ir comprar

a coisa que querem. De resto estou aqui sempre a tentar melhorar a loja. O dia-a-dia do comerciante é melhorar a loja para vender mais. Todos os dias. Às vezes, não ficam as coisas à primeira como a gente quer e há sempre hipótese de melhorar. Pronto, aproveito estes períodos de menos turismo para fazer algumas modificações.

## Lugar

### **O Porto tem um potencial para o turismo elevadíssimo**

A verdade seja dita, se analisarmos bem, isto tem um potencial para o turismo elevadíssimo, mais que qualquer cidade que eu conheça, porque tem o rio. A verdade é essa. Temos que ver o Porto com olhos de estrangeiro para o perceber. Por exemplo, centenas de turistas que fizeram o Douro de barco, até à Régua. Chegavam a Guimarães e diziam que a coisa que mais adoraram foi isso.

Porque hoje as pessoas vivem em grandes cidades, com um *stress* louco no dia-a-dia. Chegam aqui, apanham com isto por aqui a cima, uma beleza trabalhada pelo homem, mas natural. As vinhas, aquilo tudo, faz de conta que é o primeiro grande cartão-de-visita do Porto. O vinho a seguir, em primeiro lugar, para mim, está mesmo a paisagem natural que é isso que as pessoas não têm.

Existe aqui turismo de terceira idade, mas é vocacionado só para as caves. Não andam por aqui, porque não têm condições. A verdade é essa, se o turismo de terceira idade andasse por estas vielas, todos os dias ia um para o hospital.

Isto tem ainda muitos defeitos, não tem sinalética nenhuma. Quem quer visitar qualquer coisa é um bocado difícil. Falta muita sinalética. Os turistas têm o mapazinho, mas é diferente, porque eles não são portugueses, mas ler sabem.

Se virem sinalética a dizer "Igreja dos Grilos" sabem que é para ali. Mas não há cuidado por acaso. É uma das grandes faltas aqui, que não custava nada, era um investimento de nada em tabuletas, com as indicações. Tem muitas coisas por aí que precisavam de ser destacadas do resto, às vezes basta uma tabuleta só.

Eu acho que é mesmo espectacular, as vielas todas que a cidade tem, eu gosto mais ainda dessa parte do que propriamente de Mouzinho da Silveira. Porque ali respira-se mesmo a antiguidade. Aquelas vielas, aqueles quelhos. Tenho pena que isto tivesse chegado a este ponto, a verdade é essa. E sinto que não é tão difícil como isso de recuperar.

É uma cidade com história uma por cima da outra, que é interessantíssimo para pessoas com um certo nível cultural. Entrar aí por uma viela e ver uma janela dum estilo, a seguir uma casa

doutro, depois um palacete doutra época, quer dizer, está tudo embrenhado em história. Por exemplo, aquelas vielas todas ali da Banharia. Eu, este último ano, ando a fazer passeios por estes quelhos todos e mesmo por este lado, Miragaia, que é lindíssimo. Mas está tudo abandonado, tudo. Não tem aquela qualidade que era pretendida para, de facto, servir esse tipo de turismo, turismo cultural, pessoas que têm um nível económico bom.

Não há coisas com essa qualidade, para as servir. Naquelas vielas todas, não passa lá ninguém, eu andei por lá dias e dias e vi meia dúzia de turistas. Às vezes, vou lá com alguns turistas e é dos sítios que eles mais deliram. Portanto, aí podia ser uma zona nocturna espectacular como é o Bairro Alto, porque está tudo desabitado. É lindo, pitoresco, uma vista louca, casas a ver-se o rio todo cá em baixo, para um lado, para o outro e está tudo a cair. Mas a verdade é que se houvesse um bocadinho só de investimento para impulsionar agora estas pessoas que têm dinheiro que estão a fazer hotéis, se pegassem nesses casarões que há por aí e fizessem assim uns bons hotéis, com qualidade, bons restaurantes. Não há um restaurante naquele morro, ou se há um é assim uma coisa mesmo fraca que é tipo por trás da Igreja dos Grilos, portanto, é uma coisa pequenina tipo casa de fados. Era só preciso mesmo é que os portuenses acreditassem que isto era negócio.

## Rua

### A Rua Mouzinho

A Rua Mouzinho? Claro que conhecia. Portanto, eu já tenho 46 anos. Em miúdo cheguei a vir às compras com a minha mãe. Quando eu era miúdo isto aqui era uma zona onde os portuenses andavam e tinha muito menos turismo, mas circulava gente como agora em Santa Catarina ou assim. Nos últimos anos, vi a degradação em que isto estava. Eu gosto muito de coisas antigas e esta cidade agrada-me, porque tal como Guimarães é uma cidade cheia de património aí a pontapé, sem ser qualificado, sem ser degradado, etc. E Guimarães era igual, mas é uma cidade pequena, isto aqui é enorme. Mas sinto a mesma coisa que senti em Guimarães, que tem uma potencialidade muito grande para o turismo. Para o português em geral, não. Por exemplo, as pessoas que eu conheço, novas, chegam aqui ao Porto e dizem assim:

- "Isto devia vir um terramoto e fazer tudo de novo."

Eu vinha cá em todas as idades, com 17 anos, 18, quando havia aqui o Aniki-Bobó a funcionar, eu era miúdo, tinha 20 anos. Isto foi um bocado como Guimarães. Esta zona aqui nessa altura, estava vocacionada para a juventude, para os miúdos. Concertos da pesada, copos. Agora acho que isso se perdeu aqui. Guimarães continua a ter aquelas praças lá no centro histórico que têm aquela moçarada toda. Tem para aí 20 bares tudo a funcionar.



Prometeu Artesanato (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Aqui já não, pelas vezes que tenho ficado aqui à noite, já não tem esse ambiente, se calhar não interessou, porque aqui é mais difícil, tem gente um bocado perigosa para os bares e se calhar por causa disso é que não continuou.

Agora acho que este centro histórico, tem potencial para o turismo e acho que está mesmo, desprezado. Sinto nestes últimos tempos, nestes últimos meses, uma melhoria na limpeza, aqui nesta zona principalmente. Mas a nível de limpeza, comparado com Guimarães, é fraco. Sente-se que é uma cidade limpa, ando no centro histórico e vejo, ninguém consegue deitar a corisca do cigarro para o chão lá, porque está tudo impecável.

Eu o que me lembro daqui era uma rua de armazéns. Grandes armazéns de toalhas, felpos, eu vinha, às vezes, com a minha mãe, que a minha mãe é que gostava de vir fazer compras para o Porto. Acho que eram lojas de felpos, toalhas, armazéns de comida também, sei lá, café. Pronto, era uma rua que todos os espaços tinham um espaço comercial.

Eu queria vir para cá e andei à procura de lojas precisamente na Rua Mouzinho da Silveira, porque estava a começar a sentir-se que a degradação estava perto, já tinha menos lojas, mas mesmo assim pediram-me acho que foi 400 contos na altura de renda por uma loja do género da que eu pagava 100 contos em Guimarães. Ou seja, ainda tinha um certo valor comercial a Rua Mouzinho da Silveira, porque ainda se pagava, quatro vezes mais ou três vezes mais do que num sítio idêntico noutra cidade mais pequena como Guimarães. Eu agora consegui arranjar uma loja por um preço muito melhor porque, de facto, está tudo a cair. Quem quiser comprar ou alugar não faltam sítios. É só apostar.

### **As lojas não estão vocacionadas para o que a rua se tornou**

A diferença desta rua de quando eu tinha 20 anos para agora é abismal!

As casas estavam habitadas, se tivessem um comércio em baixo, viviam pessoas por cima, estava tudo impecável ou mais ou menos, não tinham as janelas arrombadas. Era um sítio habitado.

Agora, as lojas que existem são poucas e não estão já vocacionadas para o que a rua se tornou. Enquanto antigamente era uma rua virada para o comércio, para as pessoas do Porto e até de Guimarães e de Braga que vinham aqui dos arredores e vinham ao comércio, agora é uma rua onde poucas pessoas do Porto fazem compras, porque é mais fácil ir ao centro comercial. As pessoas daqui moram num apartamento, metem-se no carro, vão ao centro comercial, estacionam. Ali não há estacionamento, não há nada. Quer dizer, se quiser comprar roupa, para passar em duas lojas tem que andar quase 1 quilómetro. Enquanto num centro comercial tem ali tudo. Pronto, perdeu o estatuto que a Rua de Santa Catarina ainda tem, que é as pessoas daqui irem

lá comprar. A Rua Mouzinho, nisso aí está arrumada, não há hipótese. Agora eu acho que a rua tem um potencial enorme. Há empresários a fazer hotéis aí em cada quelho e há aqui casas baratas, reconstruídas, podiam ser bons hotéis, boas residenciais, etc., etc. Virado para o turismo tudo dava.

## ***“À noite a Rua Mouzinho da Silveira é o deserto”***

À noite é deserto, não há nada, não há restaurantes, não há bares. Os negócios que existem fecham às 20h, todos. Até o pão quente fecha às 20h. À noite a Rua Mouzinho da Silveira é o deserto, passam meia dúzia de carros. De dia, é o que eu digo, tem turismo. Estou ali há pouco tempo, mas já deu para ver o turismo. A minha loja de Guimarães é mais ou menos do tamanho desta e o sítio ainda é melhor. Pronto, a minha loja é em frente à Câmara de Guimarães, é uma casa do século XVI, portanto lindíssima, é um sítio espectacular. No primeiro ano que eu abri esta loja no Porto vendi mais do que em Guimarães. Quer dizer que esta rua tem mesmo potencial e a loja não é muito melhor, porque é mais ou menos do mesmo tamanho e tudo. Portanto, há um ponto para a gente fazer ali uma comparação. Ou seja, quem souber trabalhar, quem tiver condições para abrir um negócio aqui, tudo o que tenha a ver com turismo, na minha maneira de ver, é garantido. As pessoas têm o retorno rápido.

Eu gostar mesmo, o que eu gostava era de ver a rua quase sem trânsito ou só um sentido. A rua precisava de lojas, de serem arrançados os próprios edifícios e de se pôr um dos lados com passeio mesmo largo, com árvores. Era o que dava assim um bocado o ar de Paris, com árvores de longe a longe e o passeio largo para passear. Portanto, quem chegasse aos Aliados e virasse para baixo sentisse que era um sítio onde se respirava melhor. É o rio, é um bocadinho de verdinho ali no meio e menos carros. Eu sinto que ficava espectacular. Isso aí eu sei que é difícil mas aquilo tem duas faixas de estacionamento, depois tem mais duas dum lado e outra doutro, ou seja, são cinco, cinco faixas de carros naquela rua. Claro, se aquilo fosse reduzido para uma ou para duas, por exemplo, uma para rolar e outra para estacionar, só num sentido, com um passeio largo e umas árvores, ficava lindíssimo. Isso aí era garantido.

Isto aqui funcionava era se fosse um todo. Este bocadinho do rio e depois esta zona velha mesmo alta, que apanha a Sé e aquele morro todo, a Rua das Flores e pouco mais. Acaba por ser um circuito pequeníssimo, não é uma coisa monstruosa. Se este bocadinho, este circuito, estivesse impecável era no fundo o que acontece em Guimarães.

Os motivos da degradação eu até gostava de perceber melhor isso, mas uma das coisas foi a abertura dos centros comerciais.

A favor esta rua tem a largura dela. É das poucas da zona histórica, os Aliados e a Rua Mouzinho,

são os únicos sítios arejados. A verdade é essa. Quer dizer, são quatro andares e sete ou oito metros de largura de rua e só tem aquele bocadinho de céu.

E depois eu acho que tem outra coisa espectacular que é ficar no seguimento dos Aliados que é um sítio magnífico para dar um passeio, para dar uma volta. A pessoa que more por aí, que esteja num hotel para dar uma volta, pode vir lá de cima e vir até ao rio e tornar a ir sempre com passeios impecáveis. Com lojas bonitas para ver. Se houvesse muitas lojas bonitas, já tinha outro interesse em dar uma volta.



Presépio do Prometeu Artesanato (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

## Loja

### **Prometeu Artesanato**

A loja fica na Rua Mouzinho da Silveira, número 125. É uma loja de artesanato e chama-se Prometeu Artesanato.

A loja antes não sei o que era, mas o que dizia na fachada era: "Fala barato".

Era uma loja que se chamava Fala Barato. Agora de quê não sei. Estava em mau estado o prédio todo. Sei que arranjaram o prédio, a fachada está nova agora.

Eu arranjei a loja e adaptei, foi uma pequena arranjadela. Mas aquela zona ali toda estava, e está, com mau aspecto. Eu queria era um sítio onde circulasse turismo, portanto, agradou-me o preço da loja e o espaço em si e aluguei. Foi tipo uma experiência, tinha loja em Guimarães há 15 anos e lá já não tinha por onde expandir o negócio e decidi dar uma volta até aqui e vi que tinha muito turismo. Pronto, achei que era uma boa oportunidade vir para o Porto.

O comércio das grande superfícies ganhou em relação ao comércio tradicional, porque há mais profissionalismo, porque há melhores condições de trabalho, porque há estacionamento. Uma das coisas que fez as pessoas abandonarem é isso, porque as pessoas tinham lojas de comércio tradicional, abriram num centro comercial e tiveram melhores resultados, abandonaram as outras.

### ***"Prometeu é um deus grego"***

Prometeu é um deus grego e eu uma vez estava a ler um ensaio do Almada Negreiros sobre ele e achei mesmo uma piada louca à historinha e à interpretação do Almada Negreiros, então ficou o nome. Prometeu foi o primeiro homem que roubou o segredo do fogo aos deuses. Do fogo e doutras coisas. No fundo, foi o primeiro ser pensante, que pensou por ele e que disse que a capacidade do mundo evoluir está nas nossas mãos e não nas mãos dos deuses. Nós somos donos de nós próprios. No fundo, é a filosofia do Prometeu: nós é que podemos fazer.

Prometeu Artesanato, porque artesanato também é como arte, do nada fazer qualquer coisa. Achei que tinha a ver, mas foi porque gostei mesmo desse ensaio.

Fazer uma loja é como fazer um quadro, um boneco ou uma peça. Eu todos os anos altero a loja. É como fazer uma peça, é criar. Está assim e não gosto assim ou já estou cheio de olhar para ela, tenho que pô-la doutra maneira. Depois é o processo construtivo.

Começamos a construir o chão, as paredes, o tecto, depois as estantes e depois as peças. Aquela loja parecia um *stand* de automóveis quando a aluguei. Depois sentei-me a olhar para aquilo e lá tive a ideia de fazer as flores para pôr no tecto, até conseguir que ficasse uma loja interessante. Não sei se vai estar muito tempo assim, mas algum tempo vai.

## O Verão e a Páscoa são épocas fortes

A melhor época é o Verão. Isso já se sabe. O Natal aqui no Porto não é bom porque vai tudo para os centros comerciais. Há frio, mau tempo, é como em Guimarães. E turismo também há menos, porque é família, é Natal... É uma época fraca. Outra época boa é a Páscoa, por causa dos espanhóis. O Verão e a Páscoa e o resto do ano é menos, claro.

## Fazer uma loja virtual

Vou transformar as minhas lojas, já estou a fazer, a tratar de tudo, mas é um bocado complicado. Vou fazer uma loja virtual, ou seja, vou pôr câmaras na loja. Vou dizer às pessoas todas que entrarem na loja que estão a ser filmadas e vou ter disponível na *internet* as câmaras todas. Portanto, quem estiver num país qualquer e quiser comprar um prato destes. Vê o prato e pode interagir com a empregada. Dizer-lhe:

- "Olha, mostra-me mais perto."

Ou:

- "Vira-o ao contrário para ver como é por trás."

Vou criar no fundo uma loja virtual, em que só vou contar com os clientes que vou cativar aqui. Não vou andar à procura que andem à procura da minha loja. Ou seja, vem aqui um cliente, compra um prato e leva o e-mail da loja lá na etiqueta. Chega ao seu país e mostra a um amigo:

- "Ai, gostei disto. Gostava de comprar."

- "Olha, pega lá o e-mail."

Tem que ser quase como a garantia que vão ser bem servidos como se tivessem aqui. Se gostaram do serviço aqui, portanto, vou tentar servi-los igual lá no sítio deles. Ou seja, tentar o melhor preço de transporte, embrulhar bem o produto para chegar lá em condições, informar o risco que tem de partir.

Conforme as peças, porque há peças que têm muito risco, outras não tem nenhum. Portanto, ele vai receber a peça lá em casa, pagou-a logo ao fazer a encomenda, tem que confiar na loja. É isso o meu projecto. Vou tornar as três lojas e vou pôr depois uma pessoa só a funcionar com isso, a tratar de embalagem e envio de coisas que venda pela *internet*. Eu não percebo nada disto, detesto mesmo computadores, nem telemóvel gosto de usar, nem uso. Mas sinto mesmo que é uma necessidade se eu quero dinamizar o meu negócio e se quero evoluir sem ter um investimento tão grande como o que costumo ter. Porque abrir uma loja é um investimento maior do que abrir uma loja virtual, que são as câmaras, os computadores e uma pessoa. Uma loja exige muito mais, porque tem de se pagar luz, água...



Produtos do Prometeu Artesanato (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

## Clientes

### ***"Tenho como clientes turistas de todas as nacionalidades"***

Tenho como clientes turistas de todas as nacionalidades, depende da época.

Às vezes, há mais espanhóis, outras vezes há menos. Também estou a fazer alguns clientes no Porto, tenho alguns clientes do Porto que já eram meus clientes em Guimarães. Vai ser com o tempo, que as pessoas vão conhecendo. Os turistas não. Os turistas passam, porque vão ou para o metro, ou para a estação, ou foram ver o rio. Como é um sítio de passagem eu não fiz publicidade nenhuma, não pus a loja em nenhum roteiro, nem nada. Saiu no jornal sem eu pedir nada, nem conhecer nenhum jornalista. Acho eu que foi interesse da própria cidade.

Mostraram a loja na Mouzinho da Silveira, bonita, vocacionada para turismo e também saiu na Caras duas páginas. Não conhecia ninguém, mas gostaram da loja, fizeram a reportagem espectacular.

Há sempre situações engraçadas, porque as pessoas, às vezes, estão distraídas. Já me foram perguntar se vendia óculos, ou aspirinas, se vendia antiguidades sei lá, muitas coisas assim. Já aconteceu o mesmo turista, partir para aí cinco coisas dentro da loja, ou seja, o homem sempre que pegava numa coisa aquilo parecia que saltava das mãos! O homem era mesmo daqueles azarados que se vira e parte outra coisa e depois, a seguir, cai-lhe outra. Partiu cinco coisas depois pagou, porque ele já estava habituado. Era tipo um azarado como se vê nos filmes às vezes. Uma vez entrou-me uma velhota, deu o primeiro passo dentro da loja e caiu de frente. Deu um passo e paahh! Caiu, fez um galo, estive lá sentada até vir uma ambulância. Chamei uma ambulância. Pronto, depois ficou lá sentada, o galo a crescer e eu a pôr- lhe gelo.

## Produtos

### **Produtos portugueses artesanais**

Só vendo produtos portugueses, tradicionais ou modernos e artesanais, feitos à mão. Agora vou fazer a casa com o meu estilo de trabalhar, que é tentar ter o que os clientes querem, porque o artesanato é uma coisa muito pessoal e eu trabalho, com muitos artesãos e depois tenho que lhes pedir o que os clientes querem. Há pessoas que são colecionadoras disto, daquilo, tenho que trabalhar o cliente. Há pessoas para as quais se faz coisas de propósito, bons clientes. Por exemplo, às vezes, bustos de pessoas da cidade:

- "Ah, queria o Mouzinho da Silveira."

Ou:

- "Querida o Infante D. Henrique."

Ou:

- "Querida feito por este artesão."

Por exemplo, agora mandei fazer nas Caldas da Rainha dois Barcos para um motivo do Vinho do Porto. Vai ter, se calhar, um rabelo ou um bocado da paisagem. Agora está um bocado ao critério do artesão. Eu dou, às vezes, o tema e ele depois desenvolve. Isso é para as pessoas de cá, pessoas que gostam de arte e de artesanato. Com o turismo é diferente, vende-se o que está exposto. Eles gostando, compram.

## Avaliação

### **Pode ser bom**

Sinceramente, eu acho que uma coisa é certa, mal nunca é. Pode não ser bom, mas não é mau. Acho que alguma coisa alguém há-de aprender com isso, por isso, acho que é positivo. Não interfere com as pessoas, não faz com que choque com nada, não faz nenhuma concorrência, não faz nada. Acho que não tem nada que possa ser negativo. Pelo menos acho que isso já é bom.

